

LIÇÃO 3

O Número e a Relação das Enunciações nas Quais o Verbo "É" É Predicado e o Sujeito É o Nome Finito Tomado Universalmente, ou o Nome Infinito, e daquelas nas Quais o Verbo Adjetival É Predicado

“ 19b 32 O mesmo é o caso quando a afirmação é de um nome tomado universalmente, como no seguinte:

Todo homem é justo (Afirmação)	Nem todo homem é não justo (Negação)
Nem todo homem é justo (Negação)	Todo homem é não justo (Afirmação)

19b 35 Mas não é possível, do mesmo modo que no caso anterior, que aquelas na diagonal sejam ambas verdadeiras; às vezes é possível, contudo.

19b 36 Estes dois pares, então, são opostos; e há dois outros pares se algo é acrescentado a "não homem" como sujeito. Assim:

Não homem é justo (Afirmação)	Não homem não é não justo (Negação)
Não homem não é justo (Negação)	Não homem é não justo (Afirmação)

20a 1 Não haverá mais opostos do que estes.

20a 1 Estes últimos, porém, são separados dos primeiros e distintos deles por causa do uso de "não homem" como um nome.

20a 3 Nas enunciações nas quais "é" não une o predicado ao sujeito, por exemplo, quando o verbo "amadurece" ou "caminha" é usado, o mesmo esquema se aplica, e elas são dispostas do mesmo modo como quando "é" era acrescentado. Por exemplo:

Todo homem amadurece (Afirmação)	Nem todo não homem amadurece (Negação)
Nem todo homem amadurece (Negação)	Todo não homem amadurece (Afirmação)

20a 7 Não devemos dizer "não todo homem", mas devemos acrescentar a negação a "homem"; pois o "todo" não significa um universal, mas que um universal é tomado universalmente.

20a 10 Isto é evidente pelo seguinte: "Homem amadurece", "Homem não amadurece"; "Não homem amadurece", "Não homem não amadurece". Pois estas diferem das primeiras em que não são tomadas universalmente; o "todo" e o "nenhum", então, apenas significam que a afirmação ou a negação é de um nome universalmente.

20a 14 Tudo o mais nas enunciações nas quais "é" não une o predicado ao sujeito será o mesmo que no caso em que "é" é o segundo elemento.

COMENTÁRIO DO CARDEAL CAETANO

1. Tendo distinguido as enunciações nas quais o sujeito é um nome infinito não tomado universalmente, Aristóteles agora distingue as enunciações nas quais o sujeito é um nome finito tomado universalmente. Primeiro, ele propõe uma semelhança entre estas enunciações e as enunciações infinitas já discutidas, e depois mostra sua diferença onde diz: *Mas não é possível, do mesmo modo que no caso anterior, que aquelas na diagonal sejam ambas verdadeiras*, etc. Finalmente, ele conclui com o número de oposições que há entre estas enunciações, onde diz: *Estes dois pares, então, são opostos*, etc.

Ele diz primeiro, então, que as enunciações nas quais a afirmação é de um nome tomado universalmente são semelhantes àquelas já discutidas.

2. Deve-se notar, em relação ao primeiro ponto de Aristóteles, que nas enunciações indefinidas havia duas oposições e quatro enunciações, as afirmativas inferindo as negativas e não sendo inferidas por elas, como é claro na exposição de Amônio, bem como na de Porfírio. Nas enunciações nas quais o nome finito tomado universalmente é o sujeito, há também duas oposições e quatro enunciações, as afirmativas inferindo as negativas e não o contrário. Onde, as enunciações se relacionam de um modo semelhante se a afirmação é feita universalmente do nome tomado como sujeito. Pois, novamente, quatro enunciações serão feitas, duas com um predicado finito — "Todo homem é justo" e sua negação, "Nem todo homem é justo" — e duas com um predicado infinito — "Todo homem é não justo" e sua negação, "Nem todo homem é não justo". E, uma vez que qualquer afirmação, junto com sua negação, faz uma oposição inteira, duas oposições são feitas, como também foi dito das enunciações indefinidas. Poderia parecer haver uma objeção ao seu uso de particulares ao falar de enunciações universais, mas isto não pode ser objetado, pois, assim como ao lidar com enunciações indefinidas ele falou de suas negações, assim agora, ao lidar com afirmativas universais, ele é forçado a falar de suas negações. A negação da afirmativa universal, contudo, não é a negativa universal, mas a negativa particular, como foi enunciado no primeiro livro.

3. Uma tabela tornará evidente que a consequência é semelhante nestas e nas enunciações indefinidas. E, para que o que é claro não se torne obscuro pela prolixidade, façamos primeiro um diagrama das indefinidas postuladas na última lição, baseado na exposição de Porfírio.

Coloca a afirmativa finita de um lado e, sob ela, a negativa infinita, e sob esta, a negativa privativa. Do outro lado, põe a negativa finita primeiro, sob ela a afirmativa infinita, e sob esta, a afirmativa privativa. Depois, sob este diagrama, faz outro semelhante a ele, mas de universais. De um lado, põe a afirmativa universal do predicado finito, sob ela a negativa particular do predicado infinito, e, para completar o paralelo, põe a negativa particular do predicado privativo sob esta. Do outro lado, primeiro põe a negativa particular do predicado finito, sob ela a afirmativa universal do predicado infinito, e sob esta a afirmativa universal do predicado privativo. Assim:

DIAGRAMA DAS INDEFINIDAS

O homem é justo	O homem não é justo
O homem não é não justo	O homem é não justo
O homem não é injusto	O homem é injusto

DIAGRAMA DAS UNIVERSAIS

Todo homem é justo	Nem todo homem é justo
Nem todo homem é não justo	Todo homem é não justo
Nem todo homem é injusto	Todo homem é injusto

Nesta disposição de enunciações, a consequência sempre se segue no segundo diagrama, assim como se seguia com respeito às indefinidas no primeiro diagrama. Isto é verdadeiro se seguimos a exposição de Amônio, na qual os infinitos se relacionam com os finitos como os privativos se relacionam com os mesmos finitos, e os finitos não se relacionam com as enunciações médias infinitas como os privativos se relacionam com aqueles infinitos. É igualmente verdadeiro se seguimos a exposição de Porfírio, na qual as afirmativas inferem as negativas e não o contrário. Que as tabelas servem a ambas as exposições ficará claro para quem as estudar. Estas enunciações universais, portanto, se relacionam de modo semelhante às enunciações indefinidas em três coisas: o número de proposições, o número de oposições e o modo de consequência.

4. Quando ele diz: *Mas não é possível, do mesmo modo que no caso anterior, que aquelas na diagonal sejam ambas verdadeiras*, etc., ele propõe uma diferença entre as universais e as indefinidas, isto é, que não é possível que as diagonais sejam verdadeiras no caso das universais. Primeiro, explicaremos estas palavras segundo a exposição que acreditamos que Aristóteles tinha em mente; depois, segundo a opinião de outros.

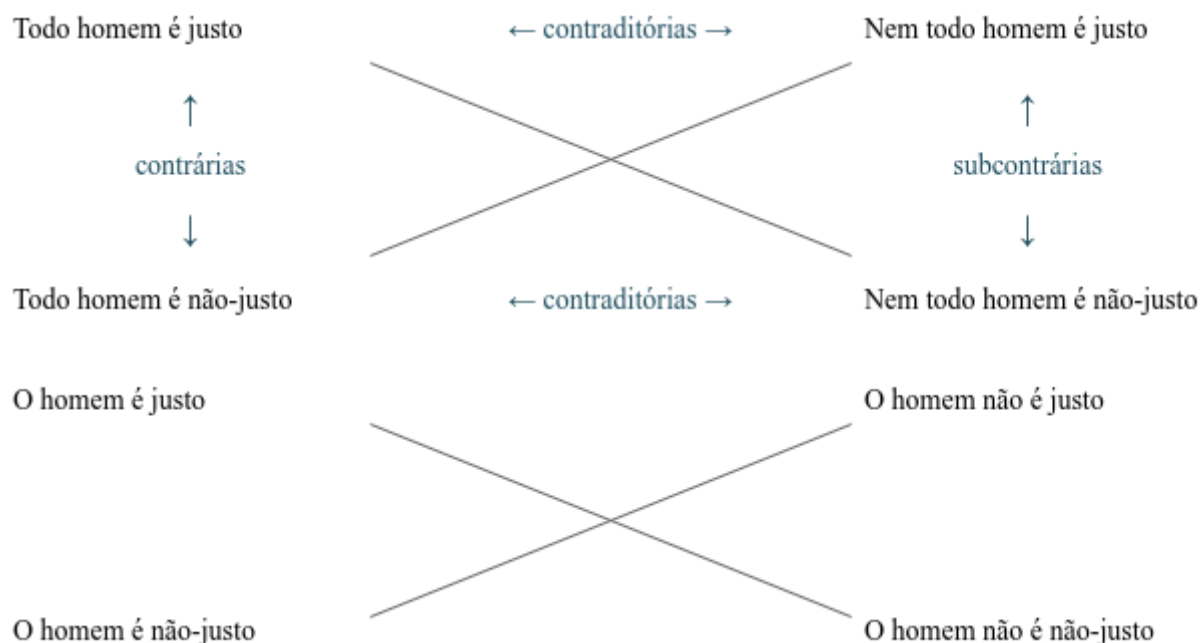
Aristóteles entende por enunciações diagonais aquelas que são diametralmente opostas no diagrama acima, isto é, a afirmativa finita em um canto e a afirmativa infinita ou a privativa no outro; e a negativa finita em um canto e a negativa infinita ou privativa no outro.

5. As enunciações que são semelhantes em qualidade, e chamadas diagonais porque diametralmente distantes, são dessemelhantes em verdade, então, no caso das indefinidas e das universais. As indefinidas nos cantos, tanto na diagonal das afirmações quanto na diagonal das

negações, podem ser simultaneamente verdadeiras, como é evidente na tabela das enunciações indefinidas. Isto deve ser entendido com respeito à matéria contingente. Mas as diagonais das universais não são assim relacionadas, pois as angulares na diagonal das afirmações não podem ser simultaneamente verdadeiras em nenhuma matéria. Aquelas na diagonal das negações, contudo, podem às vezes ser verdadeiras simultaneamente, isto é, quando estão em matéria contingente. Na matéria necessária e remota, é impossível que ambas estas sejam verdadeiras. Esta é a exposição de Boécio, que acreditamos ser a verdadeira.

6. Hermino, contudo, segundo Boécio, explica isto de outro modo. Ele toma as oposições de um modo nas universais e de outro nas indefinidas, embora sustente que há uma semelhança entre as universais e as indefinidas com respeito ao número de enunciações e de oposições. Ele chega às oposições das indefinidas que temos, isto é, uma entre as finitas afirmativa e negativa, e a outra entre as infinitas afirmativa e negativa. Mas ele dispõe as oposições das universais de outro modo, tomando uma entre a afirmativa universal finita e a negativa particular finita, "Todo homem é justo" e "Nem todo homem é justo", e a outra entre a mesma afirmativa universal finita e a afirmativa universal infinita, "Todo homem é justo" e "Todo homem é não justo". Entre estas últimas há contrariedade; entre as primeiras, contradição.

Ele também propõe a dessemelhança entre as universais e as indefinidas de outro modo. Ele não baseia a dessemelhança entre as diagonais das universais e das indefinidas na diferença entre as diagonais afirmativas e negativas das universais, como nós fazemos, mas na diferença entre as diagonais das universais em ambos os lados entre si. Donde, ele forma seu diagrama deste modo: sob a afirmativa universal finita, ele coloca a afirmativa universal infinita e, do outro lado, sob a negativa particular finita, a negativa particular infinita. Assim, as diagonais são de qualidade diferente. Ele também diagrama as indefinidas deste modo.



Com as enunciações dispostas deste modo, ele diz que sua diferença é esta: que nas enunciações indefinidas, uma na diagonal é verdadeira como uma consequência necessária da verdade da outra, de modo que a verdade de uma enunciação infere a verdade de sua diagonal, de onde quer

que comeces. Mas não há tal consequência necessária mútua nas universais — da verdade de uma em uma diagonal para a outra — uma vez que a necessidade de inferência falha em parte. Se comesças de qualquer das universais e procedes à sua diagonal, a verdade da universal não pode ser simultânea com a verdade de sua diagonal, de modo a compeli-la à verdade. Pois, se a universal é verdadeira, sua contrária universal será falsa, uma vez que não podem ser ao mesmo tempo verdadeiras; e, se esta contrária universal é falsa, sua contraditória particular, que é a diagonal da primeira universal assumida, será necessariamente verdadeira, uma vez que é impossível que as contraditórias sejam ao mesmo tempo falsas. Mas, se, inversamente, comesças com uma enunciação particular e procedes à sua diagonal, a verdade da particular pode coexistir com a verdade de sua diagonal de tal modo que não infere sua verdade necessariamente. Pois isto se segue: a particular é verdadeira, portanto, sua contraditória universal é falsa. Mas isto não se segue: esta contraditória universal é falsa, portanto, sua contrária universal, que é a diagonal da particular assumida, é verdadeira. Pois as contrárias podem ser ao mesmo tempo falsas.

7. Mas o modo como as oposições são tomadas nesta exposição não parece ser o que Aristóteles tinha em mente. Ele não pretendia falar aqui da oposição entre finitas e infinitas, mas da oposição entre as próprias finitas e as próprias infinitas. Pois, se pretendêssemos explicar cada modo de oposição, não haveria duas, mas três oposições: primeiro, entre as finitas; segundo, entre as infinitas; e terceiro, a que Hermino enuncia entre finita e infinita. Mesmo o diagrama que Hermino faz não é como o que Aristóteles faz no final do livro I dos *Primeiros Analíticos*, ao qual o próprio Aristóteles nos remeteu na última lição, quando disse: *Este, então, é o modo como estas são dispostas, como dissemos nos Analíticos*; pois, no diagrama de Aristóteles, as afirmativas são diagonais às afirmativas e as negativas às negativas.

8. Então, Aristóteles diz: *Estes dois pares, então, são opostos*, etc. Aqui, ele conclui quanto ao número de proposições. O que ele diz aqui pode ser interpretado de dois modos. Do primeiro modo, "estes" designa as universais, e assim o significado é que as universais finitas e infinitas têm duas oposições, que explicamos acima. Do segundo, "estes" designa as enunciações que são finitas e infinitas com respeito ao predicado, quer universais, quer indefinidas, e então o significado é que estas enunciações têm duas oposições: uma entre a afirmação finita e sua negação, e a outra entre a afirmação infinita e sua negação. A segunda exposição me parece mais satisfatória, pois a brevidade pela qual Aristóteles se esforçou não permite repetição; portanto, ao terminar seu tratamento das enunciações que havia enumerado — aquelas com um predicado finito e infinito segundo diversas quantidades — ele pretendia reduzir todas as oposições a duas.

9. Quando ele diz: *e há dois outros pares se algo é acrescentado a "não homem" como sujeito*, etc., ele mostra a diversidade das enunciações quando "é" é acrescentado como um terceiro elemento e o sujeito é um nome infinito. Primeiro, ele as propõe e distingue; em segundo lugar, mostra que não há mais opostos do que estes, onde diz: *Não haverá mais opostos do que estes*; em terceiro lugar, mostra a relação destas com as outras, onde diz: *Estes últimos, porém, são separados dos primeiros e distintos deles*, etc.

Com respeito ao primeiro ponto, deve-se notar que há três espécies de enunciações absolutas [*de inesse*] nas quais o verbo "é" é posto explicitamente. Algumas não têm nada acrescentado ao sujeito — que pode ser finito ou infinito — além do verbo, como em "O homem é", "O não homem é". Algumas têm, além do verbo, algo finito ou infinito acrescentado a um sujeito finito, como em "O homem é justo", "O homem é não justo". Finalmente, algumas têm, além do verbo, algo finito ou infinito acrescentado a um sujeito infinito, como em "O não homem é justo", "O não homem é

não justo". Ele já tratou das duas primeiras e agora pretende retomar as últimas. *E há dois outros pares*, ele diz, que têm algo, a saber, um predicado, acrescentado além do verbo "é" a "não homem" como que a um sujeito, isto é, a um sujeito infinito. Ele diz "como que" porque o nome infinito fica aquém da noção de sujeito, enquanto fica aquém da noção de nome. De fato, a significação de um nome infinito não é propriamente submetida à composição com o predicado, que "é", o terceiro elemento acrescentado, introduz.

Aristóteles enumera quatro enunciações e duas oposições nesta ordem, como fez nas anteriores. Além disso, ele as distingue das anteriores quanto à finitude e à infinitude. Primeiro, ele postula a oposição entre as enunciações afirmativa e negativa com um sujeito infinito e um predicado finito: "Não homem é justo", "Não homem não é justo". Depois, ele postula outra oposição entre aquelas com um sujeito infinito e um predicado infinito: "Não homem é não justo", "Não homem não é não justo".

10. Então, ele diz: *Não haverá mais opostos do que estes*. Aqui, ele assinala que não há mais oposições de enunciações do que as que já deu. Devemos notar, então, que as enunciações simples [ou absolutas] — de que estivemos falando — nas quais o verbo "é" é explicitamente posto, quer seja o segundo ou o terceiro elemento acrescentado, não podem ser mais do que as doze postuladas. Consequentemente, suas oposições segundo a afirmação e a negação são apenas seis. Pois as enunciações são divididas em três ordens: aquelas com o segundo elemento acrescentado, aquelas com o terceiro elemento acrescentado a um sujeito finito, e aquelas com o terceiro elemento acrescentado a um sujeito infinito; e, em qualquer ordem, há quatro enunciações. E, uma vez que seu sujeito, em qualquer ordem, pode ser quantificado de quatro modos, isto é, por universalidade, particularidade, singularidade e indefinitude, estas doze serão aumentadas para quarenta e oito (quatro vezes doze sendo quarenta e oito). Nem é possível imaginar mais do que estas.

Aristóteles expressou apenas vinte destas: oito na primeira ordem, oito na segunda e quatro na terceira, mas através delas pretendia que as restantes fossem entendidas. Elas devem ser enumeradas e dispostas segundo cada ordem, de modo que a negação primária seja colocada oposta a uma afirmação, a fim de tornar a relação de oposição mais evidente. Assim, a negativa universal não deve ser ordenada como oposta à afirmativa universal, mas a negativa particular, que é sua negação. Inversamente, a negativa particular não deve ser ordenada como oposta à afirmativa particular, mas a negativa universal, que é sua negação. Para um olhar mais claro sobre seu número, todas aquelas de quantidade semelhante devem ser co-ordenadas em uma linha reta e nas três ordens distintas dadas acima.

O diagrama seguinte tornará isto claro.

PRIMEIRA ORDEM

Sócrates é	Sócrates não é	Não Sócrates é	Não Sócrates não é
Algum homem é	Algum homem não é	Algum não homem é	Algum não homem não é
O homem é	O homem não é	O não homem é	O não homem não é
Todo homem é	Nenhum homem é	Todo não homem é	Nenhum não homem é

SEGUNDA ORDEM

Sócrates é justo	Sócrates não é justo	Sócrates é não justo	Sócrates não é não justo
Algum homem é justo	Algum homem não é justo	Algum homem é não justo	Algum homem não é não justo
O homem é justo	O homem não é justo	O homem é não justo	O homem não é não justo
Todo homem é justo	Nenhum homem é justo	Todo homem é não justo	Nenhum homem é não justo

TERCEIRA ORDEM

Não Sócrates é justo	Não Sócrates não é justo	Não Sócrates é não justo	Não Sócrates não é não justo
Algum não homem é justo	Algum não homem não é justo	Algum não homem é não justo	Algum não homem não é não justo
O não homem é justo	O não homem não é justo	O não homem é não justo	O não homem não é não justo
Todo não homem é justo	Nenhum não homem é justo	Todo não homem é não justo	Nenhum não homem é não justo

É evidente que não há mais do que estas, pois o sujeito e o predicado não podem ser variados de nenhum outro modo com respeito a finito e infinito. Nem o sujeito finito e infinito pode ser variado de nenhum outro modo, pois a enunciação com um segundo elemento adjunto não pode ser variada com um predicado finito e infinito, mas apenas com respeito ao sujeito. Isto é bastante claro. Mas as enunciações com um terceiro elemento adjunto podem ser variadas de quatro modos: podem ter um sujeito e predicado finitos, ou um sujeito e predicado infinitos, ou um sujeito finito e predicado infinito, ou um sujeito infinito e predicado finito. Estas variações são todas evidentes na tabela acima.

11. Então, quando ele diz: *Estes últimos, porém, são separados dos primeiros e distintos deles*, etc., ele mostra a relação daquelas que pusemos na terceira ordem com aquelas na segunda ordem. As primeiras, ele diz, são distintas das últimas porque não se seguem às últimas, nem o contrário. Ele atribui a razão quando acrescenta: *por causa do uso de "não homem" como um nome*, isto é, as primeiras são separadas das últimas porque as primeiras usam um nome infinito no lugar de um nome, uma vez que todas têm um sujeito infinito. Deve-se notar que ele diz que as enunciações de um sujeito infinito usam um nome infinito como um nome; pois ser sujeitado em uma enunciação é próprio de um nome; ser predicado, comum a um nome e a um verbo, e, portanto, todo sujeito de uma enunciação é sujeitado como um nome.

12. Em seguida, ele retoma as enunciações nas quais os verbos adjetivais são postos, quando diz: *Nas enunciações nas quais "é" não une o predicado ao sujeito*, etc. Primeiro, ele distingue estes verbos adjetivais; em segundo lugar, responde a uma pergunta implícita, onde diz: *Não devemos dizer "não todo homem"*, etc.; em terceiro lugar, conclui com suas condições, onde diz: *Tudo o mais nas enunciações nas quais "é" não une o predicado ao sujeito será o mesmo*, etc.

É necessário notar aqui que há uma diferença entre as enunciações nas quais "é" é posto como um segundo elemento adjunto e aquelas nas quais é posto como um terceiro elemento. Naquelas com "é" como segundo elemento, as oposições são simples, isto é, variadas apenas da parte do sujeito

por finito e infinito. Naquelas que têm "é" como terceiro elemento, as oposições são feitas de dois modos — da parte do predicado e da parte do sujeito — pois ambas podem ser variadas por finito e infinito. Onde, fizemos apenas uma ordem de enunciações com "é" como segundo elemento. Ela tinha quatro enunciações quantificadas de diversos modos e duas oposições. Mas as enunciações com "é" como terceiro elemento devem ser divididas em duas ordens, porque nelas há quatro oposições e oito enunciações, como dissemos acima. As enunciações com verbos adjetivais são tornadas equivalentes em significação às enunciações com "é" como terceiro elemento, resolvendo o verbo adjetival em seu particípio próprio e "é", o que sempre pode ser feito porque um verbo substantivo está contido em todo verbo adjetival. Por exemplo, "Todo homem corre" significa a mesma coisa que "Todo homem está correndo". Por causa disto, Boécio chama as enunciações que têm um verbo adjetival de "enunciações do segundo elemento adjunto segundo o som vocal, mas do terceiro elemento adjunto segundo o poder". Ele as designa deste modo porque podem ser resolvidas em enunciações com um terceiro elemento adjunto, às quais são equivalentes.

Com respeito ao número e às oposições das enunciações, aquelas com um verbo adjetival, formalmente tomadas, não são equivalentes àquelas com um terceiro elemento adjunto, mas àquelas nas quais "é" é posto como segundo elemento. Pois as oposições não podem ser feitas de dois modos nas enunciações adjetivais, como o são no caso das enunciações substantivas com um terceiro elemento adjunto, a saber, da parte do sujeito e do predicado, porque o verbo que é predicado nas enunciações adjetivais não pode ser tornado infinito. Onde, as oposições das enunciações adjetivais são feitas simplesmente, isto é, apenas pelo sujeito quantificado de diversos modos sendo variado por finito e infinito, como foi feito acima nas enunciações substantivas com um segundo elemento adjunto, e pela mesma razão, isto é, não pode haver afirmação ou negação sem um verbo, mas pode haver sem um nome.

Uma vez que o presente tratamento não é das *significações*, mas do *número* de enunciações e oposições, Aristóteles determina que as enunciações adjetivais devem ser diversificadas segundo o modo como as enunciações com "é" como segundo elemento adjunto são distinguidas. E ele diz que, nas enunciações nas quais o verbo "é" não é posto formalmente, mas algum outro verbo, tal como "amadurece" ou "caminha", isto é, nas enunciações adjetivais, o nome e o verbo formam o mesmo esquema com respeito ao número de oposições e enunciações que quando "é", como um segundo elemento adjunto, é acrescentado ao nome como sujeito. Pois estas enunciações adjetivais, como aquelas nas quais "é" é posto, têm apenas duas oposições: uma entre as finitas, como em "Todo homem corre", "Nem todo homem corre"; a outra entre as infinitas com respeito ao sujeito, como em "Todo não homem corre", "Nem todo não homem corre".

13. Então, ele responde a uma pergunta implícita quando diz: *Não devemos dizer "não todo homem", mas devemos acrescentar a negação a homem*, etc. Primeiro, ele enuncia a solução da questão; depois, prova-a, onde diz: *Isto é evidente pelo seguinte*, etc.

A questão é esta: Por que a negação que torna uma palavra infinita nunca é acrescentada ao sinal universal ou particular? Por exemplo, quando queremos tornar "Todo homem corre" infinito, por que o fazemos deste modo: "Todo não homem corre", e não deste: "Não todo homem corre"?

Ele responde à questão dizendo que, para ser capaz de ser tornado infinito, um nome tem que significar algo universal ou singular. "Todo" e sinais semelhantes, contudo, não significam algo universal ou singular, mas que algo é tomado universal ou particularmente. Portanto, não devemos dizer "não todo homem" se desejamos infinitizar (embora possa ser usado se desejamos negar a

quantidade de uma enunciação), mas devemos acrescentar a negação infinitizante a "homem", que significa algo universal, e dizer "todo não homem".

14. Onde ele diz: *Isto é evidente pelo seguinte, etc.*, ele prova que "todo" e palavras semelhantes não significam um universal, mas *que um universal é tomado universalmente*. Seu argumento é o seguinte: Aquilo pelo qual as enunciações que têm ou não têm o "todo" diferem não é o universal; antes, elas diferem em que o universal é tomado universalmente. Mas aquilo pelo qual as enunciações que têm e as que não têm o "todo" diferem é significado pelo "todo". Portanto, aquilo que é significado pelo "todo" não é um universal, mas *que o universal é tomado universalmente*. A menor do argumento é evidente, embora não explicitamente dada no texto: aquilo em que o ter de algum termo difere do não o ter, permanecendo iguais as outras coisas, é a significação daquele termo. A maior é tornada evidente por exemplos. As enunciações "O homem amadurece" e "Todo homem amadurece" diferem precisamente pelo fato de que em uma há um "todo", na outra não. Contudo, elas não diferem de tal modo por isto que uma é universal, a outra não universal, pois ambas têm o sujeito universal, "homem"; elas diferem porque, naquela em que "todo" é posto, a enunciação é do sujeito universalmente, mas na outra, não universalmente. Pois, quando digo "O homem amadurece", atribuo amadurecer a "homem" como universal ou comum, mas não a homem como a todo o gênero humano; quando digo "Todo homem amadurece", contudo, significo que amadurecer está presente em homem segundo todos os inferiores. Isto é evidente também nos três outros exemplos de enunciações no texto de Aristóteles. Por exemplo, "Não homem amadurece", quando seu universal é tomado universalmente, torna-se "Todo não homem amadurece", e assim dos outros. Segue-se, portanto, que "todo" e "nenhum" e sinais semelhantes não significam um universal, mas apenas significam que afirmam ou negam de homem universalmente.

15. Duas coisas devem ser notadas aqui: primeiro, que Aristóteles não diz que "todo" e "nenhum" significam universalmente, mas que o universal é tomado universalmente; em segundo lugar, que ele acrescenta: *afirmam ou negam de homem*. A razão da primeira é que o sinal distributivo não significa o modo de universalidade ou de particularidade absolutamente, mas o modo aplicado a um termo distribuído. Quando digo "todo homem", o "todo" denota que a universalidade é aplicada ao termo "homem". Donde, quando Aristóteles diz que "todo" significa que um universal é tomado universalmente, pelo "que" ele transmite a aplicação em exercício atual da universalidade denotada pelo "todo", assim como no livro I dos *Segundos Analíticos* [2: 71b 10], na definição de "saber", a saber, "Saber cientificamente é conhecer uma coisa através de sua causa e que esta é sua causa", ele significa pela palavra "que" a aplicação da causa.

A razão da segunda é dar a entender a diferença entre os termos categoremáticos e sincategoremáticos. Os primeiros aplicam o que é significado aos termos absolutamente; os últimos aplicam o que significam aos termos em relação aos predicados. Por exemplo, em "homem branco", o "branco" denomina homem em si mesmo, independentemente de qualquer consideração de algo a ser acrescentado; mas em "todo homem", embora o "todo" distribua "homem", a distribuição não confirma o intelecto a menos que seja entendida em relação a algum predicado. Um sinal disto é que, quando dizemos "Todo homem corre", não pretendemos distribuir "homem" em toda a sua universalidade absolutamente, mas apenas em relação a "correr". Quando dizemos "Homem branco corre", por outro lado, designamos homem em si mesmo como "branco", e não em relação a "correr".

Portanto, uma vez que "todo" e "nenhum" e os outros termos sincategoremáticos não fazem nada senão determinar o sujeito em relação ao predicado na enunciação, e isto não pode ser feito sem afirmação e negação, Aristóteles diz que eles apenas significam que a afirmação ou a negação é de um nome, isto é, de um sujeito, universalmente, isto é, prescrevem a afirmação ou negação que está sendo formada, e com isto ele os separa dos termos categoremáticos. *Afirmam ou negam* também pode ser referido aos próprios sinais, isto é, "todo" e "nenhum", um dos quais distribui positivamente, o outro distribui removendo.

16. Quando ele diz: *Tudo o mais nas enunciações nas quais "é" não une o predicado ao sujeito*, etc., ele conclui o tratamento das condições das enunciações adjetivais. Ele já enunciou que as enunciações adjetivais são as mesmas, com respeito ao número de oposições, que as enunciações substantivas com "é" como segundo elemento, e esclareceu isto por uma tabela que mostra o número de oposições. Ora, uma vez que desta conformidade se segue a conformidade tanto com respeito à finitude dos predicados quanto com respeito à diversa quantidade dos sujeitos, e também — se quaisquer enunciações deste tipo são enumeradas — a sua multiplicação em conjuntos de quatro, ele conclui: *Portanto, também as outras coisas que devem ser observadas nelas devem ser consideradas as mesmas*, isto é, semelhantes a estas.

Revision #3

Created 19 September 2026 23:47:52 by Admin

Updated 20 September 2026 12:33:52 by Admin